

## Apropriação da Personagem Literária “Alice”, de Lewis Carroll, na Série Televisiva “Quem Sou Eu?”<sup>1</sup>

Andressa Thielly Machado Silveira da SILVA<sup>2</sup>

Cassilda Golin COSTA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

Por meio do diálogo entre literatura e comunicação, este trabalho discorre acerca de gênero e adaptação tendo como objeto de pesquisa a série *Quem Sou Eu?*, produzida pelo programa dominical *Fantástico* e exibida pela Rede Globo no ano de 2017. O objetivo central é compreender como se deu a apropriação da personagem literária Alice, de Lewis Carroll, ao longo das reportagens. Ademais, buscamos estabelecer uma comunicação entre a obra original e a adaptação, de maneira a analisar os pontos de divergência e semelhança entre ambas. Ao passo que o universo concebido por Carroll é marcado por uma forte presença de Alice enquanto interlocutora, em *Quem Sou Eu?* a personagem é reduzida a uma presença mediada pela repórter-narradora Renata Ceribelli.

**PALAVRAS-CHAVE:** adaptação; Alice no País das Maravilhas; jornalismo; literatura; transgeneridade.

### Considerações iniciais

Este artigo visa estabelecer um diálogo entre comunicação, literatura e estudos de gênero, abrangendo questões como transgeneridade e adaptação. Para tal, propomos uma conversa entre esses campos através da série televisiva *Quem Sou Eu?*, produzida pela revista eletrônica *Fantástico*, entre janeiro e fevereiro de 2017, e transmitida pela Rede Globo no decorrer de quatro episódios<sup>4</sup>, com cerca de doze a quinze minutos de duração cada, e que narram a trajetória de indivíduos transgêneros. Os episódios foram concebidos na tentativa de traçar cronologicamente as etapas da vida de uma pessoa trans: o primeiro trata da infância, apresentando quando as crianças manifestam não se

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [andressamachados97@gmail.com](mailto:andressamachados97@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora. Jornalista e doutora em Letras, é professora do PPGCOM/UFRGS e leciona nos cursos de Jornalismo e Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [golin.costa@ufrgs.br](mailto:golin.costa@ufrgs.br).

<sup>4</sup> Todos os episódios da série de reportagens especiais *Quem Sou Eu?* estão disponíveis em: <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em: 11 de nov. 2018.

identificar com o gênero que lhes é atribuído em decorrência do sexo biológico; o segundo trata da fase da puberdade, nos apresentando ao adolescente trans Bernardo; o terceiro se situa já na fase adulta, abordando a questão da cirurgia de redesignação de sexo; e, por fim, o quarto episódio retrata as relações afetivas dos transgêneros.

A obra *Alice no País das Maravilhas* (1865), do escritor britânico Lewis Carroll (1832-1898), permeia todos os episódios da série. Lewis Carroll, pseudônimo para Charles Lutwidge Dodgson, além de escritor, foi professor de matemática, lógico e fotógrafo. Para além da narrativa no País das Maravilhas, ele escreveu *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* (1871), *Fantasmagoria e outros poemas* (1869), *Sylvie e Bruno* (1889), dentre outras obras. Pontuamos, contudo, que o nosso maior interesse na série se dá pelo uso da personagem literária Alice, criada no século XIX pelo inglês Lewis Carroll, enquanto um recurso de aproximação com o telespectador e como aquela que, nas palavras da repórter Renata Ceribelli, busca representar todas as pessoas trans que estão em busca de descobrir e entender a si mesmas.

Jornalismo e literatura são duas esferas muito próximas, cujo maior demarcador é a diferença entre realidade e ficção. Entretanto, essas características não inibem que ambos sejam trabalhados em conjunto, criando novos sentidos, especialmente dentro da vertente denominada jornalismo literário.

A partir disso, o objetivo do presente trabalho é compreender como a série de reportagens *Quem Sou Eu?* se apropria de características e elementos da literatura, ao conceber uma releitura da personagem literária Alice, a fim de reportar a temática transgênero.

### **Alice: das origens às novas roupagens**

À luz de *Uma teoria da adaptação* (2013), da teórica canadense Linda Hutcheon, entendemos que as adaptações são obras diretamente ligadas ao processo de palimpsesto, ou seja, sempre vinculadas às obras originais. Não se trata, porém, de julgar a proximidade ou fidelidade das obras adaptadas com seu original.

Segundo Hutcheon (2013, p. 29), a adaptação pode ser definida a partir de três ângulos distintos: o primeiro visto como *uma entidade ou produto formal*, quando a adaptação reconta/remonta a história de determinada(s) obra(s). A segunda perspectiva compreende a adaptação como *um processo de criação*, ou seja, envolve sempre “tanto

uma (re)interpretação quanto uma (re)criação; dependendo da perspectiva, isso pode ser chamado de apropriação ou recuperação” (HUTCHEON, 2013, p. 29). Como exemplo podemos tomar lendas e contos folclóricos que são adaptados para filmes, animações, entre outros suportes, para que tradições de determinados grupos sejam reavivadas e lembradas. Nesse contexto, a adaptação também pode assumir uma função de memória, ainda que sejam inseridos novos elementos nas histórias. Por fim, a terceira vertente corresponde ao *processo de recepção*, no qual a adaptação pode ser apreendida como “um engajamento intertextual com a obra adaptada” (HUTCHEON, 2013, p. 30). Um modo de experienciar essa forma adaptativa é através de jogos de videogame.

Dentre os citados anteriormente, para o propósito de engajamento, o último permite um maior envolvimento por parte de público, pois através dos videogames os usuários podem viver e/ou contracenar com seus personagens favoritos, além de estarem implicados diretamente no desfecho narrativo dos jogos. Todavia, no que concerne o objeto de pesquisa deste artigo, podemos situá-lo como pertencente à segunda categorização feita por Hutcheon (2013).

Na série de reportagens veiculadas pela Rede Globo, a personagem de Carroll é reavivada e ressignificada para compor as hesitações e inquietações de pessoas transgêneras. Contudo, para compreendermos como se deu a apropriação da Alice recriada em *Quem Sou Eu?* primeiramente precisaremos revisitar suas origens e o contexto de sua concepção enquanto um modo de engajamento para com o público.

Como trazido por Costa (1992, p. 8), o universo *nonsense* criado por Carroll foi importante na época em que foi lançado (séc. XIX), pois se tratava de uma obra que quebrava a rigidez narrativa, o cunho moralista e persistentemente didático que as demais obras voltadas ao público infantil continham. No trecho que abre a jornada da personagem ao País das Maravilhas, as reflexões da própria Alice apontam para a falta de livros infantis que valorizassem o mundo imaginativo em detrimento de didatismos na época:

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “e de que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?” (CARROLL, 2010, p. 13).

Segundo Golin (2002), os heróis-criança que surgiram nas obras literárias da época, voltados ao público infanto-juvenil - dentre os quais Alice se encontra -,

representam dois modelos de criança: um cujas características são bem definidas e acabam por reproduzir estereótipos; e o outro, o de Alice, em que a identidade não é fixa e a personagem sofre oscilações por estar em processo de crescimento.

Para podermos articular sobre a identidade da Alice concebida por Carroll, precisamos compreender que ela está estreitamente conectada ao *nonsense*. O contrassenso das obras carrollianas surgiram como um contraponto ao realismo da época, questionando as regras, a moral e a cultura da Era Vitoriana.

Como abordado por Costa (1992), citando Jacqueline Flescher, o “não senso” está implicado na linguagem do paradoxo, o qual pode ser interpretado tanto pelo viés de uma ingenuidade infantil quanto pela crítica adulta. Ainda de acordo com a autora, “o mundo *nonsense* é formado pela fantasia que obscurece a realidade, ainda que indique a sua existência” (COSTA, 1992, p. 11, grifos da autora).

Dentro das narrativas carrollianas, o *nonsense* se apresenta através de inversões semânticas. Citando o exemplo utilizado por Costa (1992), em um diálogo que a jovem tem com o Gato de Cheshire, por exemplo, o personagem define a loucura através de uma inversão semântica. Para Alice, todos no País das Maravilhas são insanos, porém, quando o Gato mostra sua interpretação da loucura - apesar das sentenças gramaticalmente corretas e do raciocínio bem desenvolvido pelo personagem -, nos vemos perante o sem sentido:

“*Naquela* direção”, explicou o Gato, acenando com a pata direita, “vive um Chapeleiro; e *naquela* direção”, acenando com a outra pata, “vive uma Lebre de Março. Visite qual deles quiser: os dois são loucos.”

“Mas não quero me meter com gente louca”, Alice observou.

“Oh! É inevitável”, disse o Gato; “somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.”

“Como sabe que sou louca?”, perguntou Alice.

“Só pode ser”, respondeu o Gato, “ou não teria vindo parar aqui.”

Alice não achava que isso provasse coisa alguma; apesar disso, continuou: “E como sabe que você é louco?”

“Para começar”, disse o Gato, “um cachorro não é louco. Admite isso?”

“Suponho que sim”, disse Alice.

“Pois bem”, continuou o Gato, “você sabe, um cachorro rosna quando está zangado e abana quando está contente. Ora, eu rosno quando estou contente e abano a cauda quando estou zangado. Portanto sou louco.” (CARROLL, 2010, p. 77-78, grifos do autor).

---

Conforme Golin (2002), ao adentrar o País das Maravilhas, Alice perde sua referência interna de identidade. A personagem sofre inúmeras alterações físicas e, nesse novo lugar, o tempo não funciona do mesmo modo<sup>5</sup>; as regras semânticas também são distintas, corroborando para que a menina se sinta confusa e deslocada. Todavia, como ressaltado pela autora, os rompantes de consciência da personagem se dão através dos diálogos e a partir disso podemos traçar aspectos da identidade de Alice.

Nesses mais de 150 anos de existência, as proezas da personagem de sete anos e meio já foram revisitadas inúmeras vezes, sendo uma das adaptações mais conhecidas o filme de animação feito pela Disney em 1951 - *Alice no País das Maravilhas*. Dentre as demais adaptações, podemos citar o filme mudo lançado em 1903 pelo diretor Cecil M. Hepworth, primeira versão feita para o cinema em cima da obra de Carroll. Desde então, foram realizadas produções audiovisuais francesas (1949), russas (1988), dentre outras. Na década de 2010, a Disney revisitou a história, mas com a perspectiva de uma Alice adulta e que ao tentar fugir da própria cerimônia de noivado (re)encontra a toca do coelho e a passagem para o País das Maravilhas. Nessa nova roupagem feita pelo estúdio e dirigida por Tim Burton, o filme é construído tanto com personagens de carne e osso (*live action*) quanto com outros desenvolvidos por computação gráfica.

Alice já faz parte do imaginário coletivo, sendo considerada um dos clássicos da literatura. O mundo criado por Carroll é complexo e repleto de referência próprias à Inglaterra vitoriana e trocadilhos que eram conhecidos apenas dos moradores de Oxford. Como trazido por Costa (1992, p. 112), Carroll teria escrito em uma carta para seu editor, Frederik Macmillan, que “as paródias ficariam ininteligíveis nas traduções, caso os originais não fossem conhecidos”. Já nessa época o autor manifestava sua preocupação com futuras adaptações, reconhecendo que o caráter restritivo cultural e linguístico da obra poderia causar dificuldades na transposição para outros idiomas ou culturas. Podemos considerar também as traduções como adaptações, pois a passagem de uma língua a outra requer mudanças e ajustes nas conotações. Uma tradução literal pode se tornar incompreensível em um outro idioma. Como apontado por Linda

---

<sup>5</sup> "Que relógio engraçado!" observou. "Marca o dia do mês, e não marca a hora!"  
"Por que deveria?", resmungou o Chapeleiro. "Por acaso o *seu* relógio marca o ano?"  
"Claro que não", Alice respondeu mais que depressa, "mas é porque continua sendo o mesmo ano por muito tempo seguido."  
"O que é exatamente o caso do *meu*", disse o Chapeleiro.  
Alice ficou terrivelmente espantada. A observação do Chapeleiro lhe parecia não fazer nenhum tipo de sentido, embora, sem dúvida, os dois estivessem falando a mesma língua.  
"Não o entendo bem", disse, o mais polidamente que pôde. (CARROLL, 2010, p. 83-84)

Hutcheon (2013, p. 54), “ao trocar as culturas e, por conseguinte, em alguns casos, também as línguas, as adaptações fazem alterações que revelam muito sobre os contextos mais amplos de recepção e produção”. A partir dessa reflexão da teórica canadense, podemos inferir que cada nova roupagem pode agregar elementos pertencentes àquela determinada cultura que se apropriou da obra originária – ou “indigenização”, termo cunhado por Hutcheon (2013) para denominar esse processo.

Na Alice de *Quem Sou Eu?*, o propósito ao revisitar uma das figuras literárias mais lidas e conhecidas é o de aproximar tanto o público que pouco ou nada sabe sobre a população trans, como também o de promover *identificação* por parte de quem está passando (ou já passou) pela descoberta da transgeneridade. Como afirmado por Culler (1999) na obra *Teoria Literária*:

Promovendo identificação através das divisões de classe, gênero, raça, nação e idade, os livros podem promover um "sentimento de camaradagem" que desencoraja a luta; mas também podem produzir um senso agudo de injustiça que torna possíveis as lutas progressistas (CULLER, 1999, p. 46).

Em sua origem, como citado anteriormente, Alice foi uma personagem desenvolvida justamente para se contrapor ao forte didatismo dos livros infantis da época. Além disso, é uma personagem rica em complexidade verbal. O que a série faz é reconstituir elementos que remetam à obra original de Carroll, como o nome da personagem e situações pelas quais Alice passa ao longo da jornada no País das Maravilhas. Nesse caso, especificamente, muda-se tanto a forma (o suporte original da obra é o livro e aqui é transposto para o audiovisual, a televisão) quanto o conteúdo (busca ser uma metáfora de cinho didático).

### **O narrador literário e o narrador jornalista**

Como apontado por Motta (2007), o ato de narrar não é isento, sempre há uma intenção naquele discurso seja ele literário, publicitário ou jornalístico. Em outras palavras, o narrador jornalista busca criar o que Motta (2005) chama de “efeito de real”, usando de artifícios para que os fatos falem por si mesmos, em uma tentativa de anular sua presença enquanto mediador.

Em *Quem Sou Eu?*, a repórter Renata Ceribelli desempenha o papel de narradora, sendo através de sua mediação que as histórias de cada episódio vão se

encaixando e tomando formas. Ao partir da premissa do livro de Carroll, a reportagem utiliza artifícios do jornalismo literário - o qual é comumente atribuído ao impresso. Por conta dessa maior liberdade estrutural do quadro, em grande parte devido ao formato da revista dominical *Fantástico*, a presença de Renata Ceribelli é constante ao longo dos capítulos. Ao lado da personagem literária Alice, as duas atuam como âncoras da narrativa: Alice enquanto metáfora e Ceribelli enquanto a voz que demarca mudanças e encadeamentos na narrativa. A partir disso, podemos traçar os pontos de convergências e as distinções entre o narrador literário de Lewis Carroll e a narradora jornalista em *Quem Sou Eu?*.

O narrador literário em *Alice no País das Maravilhas* personifica um adulto saudoso da infância. Ele é o responsável por tentar manter uma identidade fixa à personagem ao longo das aventuras em um mundo no qual todos - incluindo a própria Alice - questionam sua identidade. Apesar de ser onisciente, tendo acesso tanto às emoções, pensamentos e até memórias da menina, o acesso se restringe somente a Alice, o que Culler (1999) chama de “ponto de vista limitado de terceira pessoa”. A partir do momento em que o narrador não tem acesso a outras focalizações narrativas (ações e pensamentos das demais personagens), a imprevisibilidade da história é muito maior, como é o caso de Alice. A cada novo cenário em que somos apresentados no texto, há uma surpresa aguardando tanto o leitor quanto a própria personagem. Logo nas primeiras linhas de *Alice no País das Maravilhas* podemos constatar essa característica permeada ao longo da obra:

[...] Assim, refletia com seus botões (tanto quanto podia, por que o calor a fazia se sentir sonolenta e burra) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as flores, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela.

Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o Coelho dizer consigo mesmo: "Ai, ai! Ai, ai! Vou chegar atrasado demais!" (quando pensou sobre isso mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter ficado espantada, mas na hora tudo pareceu muito natural); mas quando viu o Coelho tirar um relógio do bolso do colete e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou num pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda a pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca.

---

No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois (CARROLL, 2010, p.13-14).

A narrativa jornalística também, em certo nível, adota esta característica. A reportagem é uma evolução: temos uma questão *x*, suas perspectivas (geralmente consultando dois ou mais envolvidos em diferentes graus), porém, assim como na literatura, não necessariamente haverá uma resolução para ela. Em *Quem Sou Eu?*, somos apresentados às personagens implicadas no tema central - população trans - e no decorrer dos episódios somos introduzidos às mais diversas questões sobre transgêneros.

A série de reportagens elucida tanto aspectos mais “técnicos” e burocráticos (procedimentos médicos, por exemplo), quanto outros mais subjetivos, implicados nos próprios *cases*. E, assim como em uma obra literária, a partir da elucidação do tema o receptor pode se surpreender com uma informação e, conseqüentemente, mudar seu ponto de vista sobre o assunto.

Ao contrário de um narrador literário, o narrador jornalista não tem a possibilidade de ser onisciente, cabendo a este passar a palavra diretamente para fonte (o entrevistado) ou descrever as ações das personagens. Esse tipo de narrador, também presente na literatura, tem a perspectiva, como denominado por Culler (1999), de um *olho de câmera* ou de uma *mosca na parede*.

No jornalismo, para a descrição do subjetivo de quem está sendo retratado é necessário tomar precauções para não distorcer ou cair no lugar comum. É preciso que o entrevistado seja ouvido e suas palavras/sentimentos reproduzidos o mais fidedignamente possível. Salientamos isso em função de a repórter em diversos momentos, além de descrever a cena, também tentar induzir o significado dos enunciados e buscar exprimir o que as personagens sentem. Para melhor ilustrar, selecionamos dois trechos de narração de Renata Ceribelli (2017):

Imagine ter 11 anos. Apenas 11 anos e ter que tomar uma decisão como a de Alice. Ela está diante de várias portas e tem que passar pela menor delas, a mais difícil. As portas simbolizam os vários caminhos que uma pessoa pode seguir.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Transcrição do trecho do primeiro episódio da série, sobre crianças trans, no tempo entre 09'08" a 09'30". Disponível em <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em: 26 de abr. 2019.

---

A história de Bernardo bem que poderia ser a história da Alice no País das Maravilhas. O livro começa com Alice correndo atrás de um coelho, que carrega um relógio de bolso. A menina acaba em um lugar mágico: o País das Maravilhas. É pura fantasia, mas o que sente Alice, representa muito bem não só o Bernardo, mas todos os trans que estão em busca de sua identidade e querem responder: quem sou eu?<sup>7</sup>

No segundo excerto destacado, Renata não apenas tenta reproduzir como Bernardo se sente, mas também supõe que todos os outros indivíduos trans se sentem da mesma forma que o garoto e, adendo a isso, que *todos* se identificam com Alice. A repórter age, então, como uma narradora onisciente, capaz de identificar todas as apreensões, dúvidas e medos dessas pessoas.

Contrapondo os narradores de *Alice no País das Maravilhas* e *Quem Sou Eu?*, podemos dizer que enquanto o primeiro é um narrador adulto e nostálgico da infância, e que não raras vezes focaliza a história pelo olhar da personagem (COSTA, 1992), a outra desempenha a função de uma narradora pedagógica.

### **Alice para falar de gênero**

Lewis Carroll, ao criar o universo aliceano, o concebeu com personagens complexos, ricos em diálogos e interações uns com os outros. Em *Quem Sou Eu?* a personagem foi reduzida a menções, com toda a retórica da personagem anulada.

Retomando brevemente a questão do narrador, tanto em *País das Maravilhas* quanto em *Através do Espelho*, o mesmo exerce uma função complementar à narrativa da própria personagem, isto é, ainda que seja uma ferramenta para expressar as emoções e percepções de Alice, ele não interrompe a menina nem fala por ela. Já em *Quem Sou Eu?* só temos acesso à personagem através da narradora-repórter. Temos o discernimento de que o propósito do emprego de Alice na série se dá, essencialmente, como uma figura que faça uma ponte entre o telespectador e um tema ainda considerado tabu; ela está lá para cumprir um papel metafórico. A releitura da heroína vitoriana, quando retrabalhada no jornalismo, adquire um estatuto pedagógico para além do potencial de recurso estético e poético da literatura: torna-se uma forma de instruir o telespectador.

---

<sup>7</sup> Transcrição do trecho do segundo episódio da série, o qual aborda preconceito, tratamento hormonal e os riscos da automedicação, no tempo entre 01'25" a 01'55". Disponível em <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em: 26 de abr. 2019.

---

As metáforas podem ser usadas no sentido de inovação semântica e renovação de potencialidades explicativas para os mais diversos campos - uma ferramenta que contribui para traduzir o mundo. O jornalismo recorre a este mecanismo com frequência como forma de ajudar o público a compreender questões que contenham uma complexidade maior, a produzir o sentimento de identificação e empatia. Tais características podem ser enquadradas para o uso de Alice na série. Ainda que a personagem tenha sido simplificada, quando comparada à obra de Carroll, ela é efetiva enquanto recurso de aproximação para com o telespectador. Porém, são necessárias algumas ressalvas.

A premissa da série, quanto à utilização de Alice no seu curso, é definida por Renata Ceribelli (2017) como a seguinte: “ela vai representar todas essas pessoas que sentem que nasceram no corpo errado e estão em busca de sua identidade”.

No entanto, dentro da releitura feita pela série, a repórter Renata Ceribelli e os apresentadores Tadeu Schmidt e Poliana Abritta, continuam perpetuando binarismos por meio de seus discursos, como apontado por Amorim et al. (2017). Aproximadamente na metade do primeiro episódio, Ceribelli (2017) afirma o seguinte:

Gênero só existe dois: o masculino e o feminino. Transgênero é uma pessoa que não se identifica com o gênero de nascença. Por exemplo, uma pessoa que nasce homem e não se sente do gênero masculino. Ou que nasce mulher, e não se identifica com o gênero feminino.

O enunciado feito pela repórter (destacado acima) exclui todo um grupo dentro da comunidade LGBTQ+<sup>8</sup> que não se identifica dentro de nenhum desses dois gêneros pré-concebidos socialmente. Como apontado por Amorim et al. (2017, p. 10), que se propôs a analisar a série sob uma perspectiva *queer*, não houve uma preocupação por parte de *Quem Sou Eu?* de citar aqueles indivíduos transgêneros que não sentem a necessidade de realizar modificações corporais, principalmente por compreenderem que ser *homem* ou *mulher* está muito além de uma questão biológica.

A visão de gênero concebida na dualidade *homem-mulher*, faz parte de uma construção social ancorada na função reprodutiva e na concepção de papéis sociais para cada. *Quem Sou Eu?* não consegue transpor os binarismos, demarcando ao longo dos episódios a oposição entre o “corpo do homem” e o “corpo da mulher”, como na fala destacada abaixo enquanto Renata Ceribelli conversa com Alessandra (quarto episódio):

---

<sup>8</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer

---

Alessandra, é difícil olhar para você, ver assim uma mulher bonita e imaginar que onze anos atrás você tinha um corpo de homem, se vestia como homem, tinha um nome de homem. Que revolução foi essa que aconteceu na sua vida?<sup>9</sup>

Como afirmado por Louro et al. (2018), as pessoas possuem múltiplas identidades e podem estar inseridas em diversos grupos os quais, não necessariamente, compartilham das mesmas ideias. Uma mulher transgênera, por exemplo, compartilha não apenas das dificuldades e questões de mulheres cisgêneras<sup>10</sup>, mas também do que diz respeito às particularidades da comunidade LGBT. E esses “pertencimentos” vão se ampliando conforme são atribuídos outros recortes como: classe social, sexualidade, etnia, entre outros.

Nossas identidades de raça, gênero, classe, geração ou nacionalidade estão imbricadas com nossa identidade sexual; eles são, portanto, perturbados ou atingidos, também, pelas transformações e subversões da sexualidade (LOURO et al., 2018, p. 39).

Partindo de pré-concepções ancoradas em binarismos, a série acaba por contradizer a ideia inicial de fazer uso de Alice enquanto figura questionadora de identidade de gênero. O uso da heroína vitoriana no quadro fica, então, vinculado muito mais ao questionamento e julgamento de terceiros (como a Rainha de Copas) do que dela mesma. O papel desempenhado por Alice está muito mais para a *jornada* (descoberta, aceitação e tratamentos médicos) do que para a *introspecção* (ainda que as personagens relatem aspectos subjetivos, os elementos da trajetória se destacam mais).

### **Considerações finais**

Este trabalho foi pautado, sobretudo, na busca por compreender como se deu o entrelaçamento entre jornalismo, literatura e adaptação, resultando na apropriação da personagem literária “Alice” como uma metáfora para trabalhar questões de gênero ao longo da série *Quem Sou Eu?*, produzida pela revista eletrônica *Fantástico* entre janeiro e fevereiro de 2017.

Ao reconfigurar a obra nonsense de Carroll para um super realismo (o jornalismo), a série de reportagens especiais tenta ancorar a identidade de Alice como a

---

<sup>9</sup> Transcrição do trecho do quarto episódio da série, sobre relações afetivas, no tempo entre 02’05” a 02’22”. Disponível em <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em: 26 de abr. 2019.

<sup>10</sup> Denominação para aquele cuja identidade de gênero equivale ao seu corpo biológico. (Fonte: Cartilha de Direitos LGBT feita pela Assembleia Legislativa do RS em 2017).

---

de alguém que questiona sua identidade de gênero. A aproximação com a personagem literária se justifica uma vez que ela já povoa o imaginário coletivo, facilitando o processo de identificação, essencial para criação de um identidade (CULLER, 1999).

Nos interessamos em comparar o narrador literário e o narrador jornalista. Na obra literária, o narrador personifica um adulto que é responsável por fixar a identidade de Alice, indo em direção contrária a todos que a questionam. Entretanto, esse narrador passa a narração para Alice e também situa a perspectiva da personagem. Logo, podemos dizer que temos três pontos de vista: o narrador, a própria Alice e o receptor - o qual vai interpretar as situações de acordo com suas vivências. Já em *Quem Sou Eu?*, temos uma narradora sobretudo pedagógica - a repórter Renata Ceribelli. Por se tratar de um produto jornalístico, a narração não dá conta de passar a palavra para Alice. O que temos é uma narradora, também em terceira pessoa, a qual se restringe a descrever a situação e, inclusive, os sentimentos da personagem, todavia sem direcionar a palavra à própria Alice. Para além de Alice, Renata Ceribelli também conduz e apresenta os demais personagens entrevistados da série, dirigindo a palavra a eles quando indagados acerca de determinados pontos. Por conta disso, podemos afirmar que a aplicação de Alice na série se dá muito mais em função de uma perspectiva visual do que com a intenção de explorar a complexidade verbal da personagem.

Na sequência, abordamos como se deu o uso de Alice para falar sobre gênero. O jornalismo, por conta de seu caráter informativo, em diversas situações precisa recorrer a formas que melhor contemplem assuntos mais delicados e difíceis de serem abordados, como é o caso daqueles referentes à comunidade LGBTQ+, especialmente quando se trata da população “T”. Logo, o uso de figuras de linguagem, como a metáfora, se torna grande aliado dos jornalistas ao longo da tarefa de narrar histórias.

A apropriação de Alice enquanto elemento metafórico desempenha a função de contextualizar a busca por compreender a própria identidade de gênero. Se formos retomar alguns conceitos sobre metáfora, veremos que o uso da personagem literária em *Quem Sou Eu?* está lá para dar visibilidade a determinados grupos sociais, pois está na qualidade de metáfora narrativa. Porém, ao mesmo tempo em que a série evidencia a comunidade trans, o discurso reproduzido pelos interlocutores (a repórter e os apresentadores, por exemplo) perpetua binarismos e estereótipos, como pudemos demonstrar ao longo da análise.

A reafirmação de corpos que precisam estar enquadrados em “homem” ou “mulher” é constante ao longo dos episódios, pois existe uma necessidade humana de criar rótulos. Conforme Stuart Hall (2016), as oposições binárias são o norte utilizado para fazer classificações, desde emoções, objetos até pessoas. Quando não conseguimos inserir alguém dentro de determinada convenção, essa pessoa perturba a ordem dita “natural” e, a partir disso, surgem as divergências culturais, étnicas, sociais e sexuais - as quais podem evoluir para crimes violentos.

Reconhecemos a importância de uma emissora hegemônica, como a Rede Globo, tangenciar assuntos que a heteronormatividade tenta ocultar. Contudo, continua sendo nosso dever apontar os aspectos falhos, mas sempre com a perspectiva de promover o debate e difundir a pluralidade. Alice, ao desempenhar uma função questionadora ao longo da série, contribui para pautar as temáticas LGBTQ+ dentro de uma mídia de massa. Recorrer à sua figura, já permeada na memória coletiva, demonstrou ser uma boa tática utilizada pelo programa para referenciar um tema ainda tão precariamente discutido. Alice salta de narrativa em narrativa, ora remontando à obra de Carroll, ora imergindo no enredo para pautar as temáticas trans. Com base nisso, o que podemos apreender é o caráter múltiplo e aberto da narrativa carrolliana, permitindo que seja relida e reinterpretada com diferente propósitos e novos sentidos a cada nova adaptação.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, André et al. Qual o papel da mídia na representação dos corpos Trans? In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2017, Fortaleza. **Artigo**. [s. L.]: [s. L.], 2017. p. 1 - 12.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 317 p. Ilustrações originais de John Tenniel; Tradução de Maria Luiza Xavier de Almeida.

COSTA, Cassilda Golin. **A construção da identidade da Alice de Lewis Carroll**. 1992. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999. 140 p.

GOLIN, Cida. **A identidade da Alice de Lewis Carroll**. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). **Literatura infanto-juvenil: Leitura e Crítica**. Goiânia: UFG, 2002. 190 p. Coleção Hórus.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2016. 260 p. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. 280p.

LOURO, Guacira Lopes et al (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. P.143-167.

SUL, Assembleia Legislativa do Rio Grande do. **Direitos LGBTs**: Conheça o que foi conquistado e lute por mais direitos!. 2016. Disponível em: <[https://issuu.com/lucianagenro5/docs/cartilha\\_lgbt\\_do\\_psol](https://issuu.com/lucianagenro5/docs/cartilha_lgbt_do_psol)>. Acesso em: 03 maio 2019.